

CIBERESPAÇO: UM APELO À TEOLOGIA (Cyberspace: an Appeal to Theology)

Ideylson da Silva Vieira dos Anjos*

Mestrando em Comunicação e Semiótica (PUC-SP)

Pós-graduado em Educação Sexual (UNISAL)

Licenciado em Filosofia (UCDB-MS)

ideylson@gmail.com

Resumo

O impacto do ciberespaço com as novas formas de produção, circulação e consumo de informação tem sido tão grande a ponto de reconfigurar a vida e o pensamento como tais? Educação, cultura, toda construção dos espaços antropológicos e até a maneira de se comunicar com o sagrado se vêem afetadas por essa interrogação que nasce do confronto do humano com a internet. O artigo vem examinar criticamente a resposta de Pierre Levy; um dos primeiros intelectuais a responder a essa complexa interrogação, confrontando-se em poucas páginas a sua posição e a de outros críticos teóricos, definindo o espaço da produção do virtual como um novo plano de realidade a partir do qual se devem discutir os parâmetros de uma nova maneira de se comunicar com o sagrado. Não há respostas, mas sim, muitas perguntas.

Palavras-chave: Ciberespaço. Cibercultura. Teologia. Espaço Antropológico. Religião.

Abstract

The impact of cyberspace with new forms of production, circulation and consumption of information has been so great as to reconfigure the life and thought as such? Education, culture, the whole construction of the anthropological spaces and even how to communicate with the sacred are affected by this question which arises from the human confrontation with the Internet. The article is to critically examine the response of Pierre Levy; one of the first intellectuals to answer this complex question, confronting a few pages in his position and other critical theorists, defining the scope of production of the new plan as a virtual reality from which we should discuss the parameters of a new way to communicate with the sacred. There are no answers, but rather basic questions to think about this phenomenon today.

Keywords: Cyberspace. Cyberculture. Theology. Anthropological Space. Religion.

1. Introdução: Quebrando Conceitos

Cibervida? Essa é uma interrogação que sem muito esforço percebe-se pertinente na interferência das tecnologias virtuais com a vida humana nesse início do século XXI. É sob essa perspectiva que essa pesquisa se torna significativa, pois se trata de uma profunda relação da técnica humana chamada Internet com a vida cultural das pessoas, a ponto de re-configurar sua maneira de viver, pensar, de se relacionar com as pessoas e, por que não, de se relacionar com o sagrado. Aqui não se encontrarão respostas, muito menos julgamentos moralistas ou posições fundamentalistas, mas, sem dúvida, algumas interrogações que irá instigar e abrir a atenção a uma nova problemática da relação do homem virtual com o mundo e com o sagrado.

É inconcebível negar que desde as últimas décadas do século XX, o mundo está consumido pelas tecnologias da comunicação. Basta olhar a maneira como ele se relaciona, como move a sua economia, sua política, sua arte, sua sabedoria e sua espiritualidade, para ver que em tudo os processos técnicos de comunicação estão se adentrando.

Percebe-se que é uma verdadeira manifestação antropológica¹, a qual, pela técnica, atinge com velocidade todas as dimensões do mundo humano (social, política, econômica, intelectual, espiritual...). Pelo sistema técnico de universalização, chamado Internet, se constrói uma rede mundial, na qual todos estão interligados num mesmo espaço, o ciberespaço,² e num mesmo tempo presente, onde há contatos de um para com cada um, de um para com todos, e de todos para com todos que estão conectados. Com isso, a noção de espaço e tempo, que até então só fora mudada no nascimento da escrita, se vê, hoje, totalmente transformada devido ao surgimento desse novo sistema que unifica o mundo em tempo presente e indeterminado. De acordo com Pierre Lévy (1999), o pensador da cibercultura, movimentar-se já não é mais deslocar de um ponto a outro na superfície terrestre, mas sim, atravessar universos de problemas, mundos vividos, diferentes sentidos que exploram o espaço interior da intersubjetividade. Eis a atual revolução.

Devido ao não conhecimento do momento em que se vive, diante das velozes mudanças e inúmeras interrogações de incertezas, muitas pessoas preferem abraçar as críticas sobre a técnica, nascidas do medo e da ignorância, que investir em estudos para conhecer o que se passa.

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isso, porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) o constituem em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus são condicionadas por processos materiais. (LÉVY, 1993, p. 15).

A proposta de cibercultura, como já vimos, atinge fortemente vários campos de atuação humana (político, social, econômico, artístico, espiritual e outros) e nos convida a estudar o mundo em que vivemos para criticá-lo e interrogá-lo na busca de uma resposta falível que visa primordialmente uma vida melhor para a humanidade e para o mundo. Para isso, é necessário quebrar os preconceitos de que o mundo virtual veio para destruir o mundo real, que a máquina vai substituir o homem ou que a técnica vai destruir o ser humano. São pensamentos já superados, porém ainda encontrados constantemente nos discursos empíricos, no mundo científico e nas manifestações inseguras das instituições religiosas.

2. O CIBERESPAÇO: Por uma nova antropologia

A proposta do ciberespaço é nada mais que um manifesto humanista de uma nova cultura emergente. A história da humanidade, segundo Lévy (1999), está re-configurada sob a perspectiva de quatro espaços antropológicos. O ciberespaço e suas implicações se desenvolvem em um desses espaços. Um espaço Antropológico nasce da *interação entre pessoas* e é um *sistema de proximidade próprio do mundo humano*, o qual depende de técnica, linguagem, cultura, significações, convenções, representações e emoções humanas (LÉVY, 1999, p. 22).

Porém, *os seres humanos não habitam somente no espaço físico, ou geométrico*, não se interagem em somente um espaço. As pessoas habitam, e por muito tempo, em vários outros espaços, afetivos, estéticos, sociais, históricos e espirituais. Espaços de significações em geral. As pessoas têm diante de si diferentes espaços antropológicos devido às várias possibilidades de habitação que lhes são propostas pela própria natureza.

Diante da história, a humanidade se configura sobre os quatro grandes espaços antropológicos: Terra, Território, Mercadorias e Saber. Para Lévy (1999), esses espaços surgiram devido a acontecimentos de ordem intelectual, técnico, social ou histórico e também pelas suas grandes capacidades de reorganizarem as proximidades e a interação entre as pessoas, entre as distâncias. E é justamente no espaço do Saber que se desenvolve o ciberespaço e todas as suas implicações.

Pelo pensamento de Lévy (1999), é um grande erro considerar os espaços antropológicos como recortes cronológicos de uma realidade preexistente. Da mesma maneira é um equívoco *tomar os espaços antropológicos por classes ou conjuntos nos quais se acomodariam os seres, os signos, as coisas, os lugares, cada entidade do mundo humano* (LÉVY, 1999, p. 129).

Na figuração, tem-se claro que, os espaços antropológicos, mesmo surgidos em tempos diferentes, não vêm suprimir os anteriores. O que acontece é uma superação em velocidade e significações, tendo os mesmos como *plano de existência*, ou seja, como necessidade para existência dentro de um processo contínuo de transformação, pensamento que também nos direciona à reflexão sobre o processo histórico das manifestações e culto humano ao sagrado (LÉVY, 1999, p. 128). Um espaço antropológico, quando se desenvolve *de maneira consistente torna-se irreversível, ele não é eliminado pelo que vem depois dele*, ou seja, *os espaços antropológicos são eternos*. O interessante é que os espaços vão sendo atualizados de acordo com os desenvolvimentos dos pensamentos e relações humanas. Nesse sentido, o tempo não *passa* realmente, os ambientes afetivos, as configurações existenciais são postos em reserva, em memória, não deixando jamais de agir, estão disponíveis para todos os retornos. Tudo está sempre presente.

3. ESPAÇO DO SABER: Rumo à Cibercultura

Pierre Lévy (1999) ressalta que é importante lembrar que o espaço do Saber ainda não existe, é uma utopia³, ainda não existe como ato, é virtual⁴. Isso quer dizer que, virtualmente ele já está presente, em potência, na expectativa de um vir-a-ser ato, fato. O mundo virtual começa a se implantar e se construir no mundo real, interferindo em sua maneira de ser, e será pelas relações humanas, pelos laços sociais, de pessoas distintas que esse espaço antropológico se solidificará. Eis o surgimento do ciberespaço, eis a casa da cibercultura⁵.

Como se sabe, de acordo com Lévy (2000), o ser humano não pensa sozinho. A linguagem, os sistemas de signos, as formas de comunicação, as maneiras de ver o mundo, as maneiras de viver, tudo isso, perpassa os tempos por uma tradição histórica chegando até o presente e conseqüentemente constituirá o futuro. O pensamento é histórico, isto é, há toda uma sociedade cosmopolita⁶ pensando dentro de nós. Está mais do que claro que, tudo o que aprendemos e sabemos é fruto de uma construção histórica desde a origem, desde a Terra. Comumente, pode-se dizer que a coletividade pensa em nós, porém, somos todos diferentes. Nesse momento, pode aproximar Pierre Lévy de um grande pensador ecumênico, ou até mesmo afirmar que cibercultura o grande portal do ecumenismo planetário.

É a partir dessa compreensão de mundo, que nasce a cibercultura com a interconexão planetária formando essa comunidade virtual e uma universal e livre inteligência coletiva, a qual, o primeiro momento, (LÉVY, 2002)⁷, pretende reunir as diferentes forças de cada ser humano, naquilo que se crê e sabe. Cabe-lhe doar, para pensar em conjunto, aumentando as competências cognitivas, sociais, políticas e espirituais de cada um e de todos ao mesmo tempo.

4. CIBERVIDA: a realidade

Reconhecendo a construção do ciberespaço, da cibercultura e sua movimentação, pode-se dizer sem nenhum receio que a humanidade caminha para uma cibervida.

A vida do ciberespaço, como já vimos, cria uma linguagem, uma semiótica, um universo próprio, diferente e muito além da ‘galáxia de comunicação’ de McLuhan. Como afirma Postman (CASTELLS, 2008, p. 414), *nós não vemos a realidade como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura.* Isso não é diferente do que já dizia Heidegger na *carta sobre o humanismo* que aborda a linguagem como sendo a morada do ser, a qual possibilitou Wittgenstein fundamentar nas investigações *filosóficas* a linguagem como o mundo da vida, local onde se nomeia e se define a partir do comum acordo que se cria dentro do contexto social.

Sobre essa perspectiva, mesmo após esse longo tempo, Castells (2008, p. 443) afirma que *ainda não está bem claro, porém, o grau de sociabilidade que ocorre nessas redes eletrônicas, e quais são as conseqüências culturais dessa forma de sociabilidade, apesar do empenho de um grupo cada vez maior de pesquisadores.* Lévy (2000, p. 160) comunga dessa visão em dizer que não se sabe ao certo onde vai dar esse veloz movimento, pois *a esse respeito, Roy Ascott fala, de forma metafórica, em segundo dilúvio. O dilúvio de informações. Para melhor ou pior, esse dilúvio não será seguido por nenhuma vazante. Devemos, portanto nos acostumar com essa profusão e desordem.*

Para Lévy esse é o movimento do espaço do Saber, é a dinâmica do ciberespaço, é a realidade da cibercultura e conseqüentemente da cibervida, é a realidade do caos e confirma seu pensamento em dizer que *nem a salvação nem a perdição residem na técnica. Sempre ambivalentes, as técnicas projetam no mundo material nossas emoções, intenções e projetos. Os instrumentos que construímos não nos dão poderes, mas coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos* (LÉVY, 2008, pp. 16-17). A diferença de Pierre Lévy é que ele pensa a partir dessa visão, todo o seu pensamento considera essa realidade caótica e daí ele fundamenta seu otimismo.

Ao se tratar desse momento caótico, Lévy (2000, p. 14-15) reflete: *Onde está Noé? O que colocar na arca? No meio do caos, Noé construiu um pequeno mundo bem organizado [...] O segundo dilúvio não terá fim [...] Devemos aceitá-lo como nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar.*

Porém, nem todos os cientistas pensam como Pierre Lévy, basta ver os críticos sociais, como Mark Slouka, que defende a idéia de que os computadores trouxeram a *desumanização das relações sociais*, pois *a vida on-line parece ser a maneira mais fácil de fugir da vida*. E na França, a socióloga Dominique Wolton, que defende em suas pesquisas que *a Internet aumenta as chances de solidão, sensação de alienação ou mesmo de depressão* (CASTELLS, 2008, p. 443).

A vida no ciberespaço vem complementar a vida já existente e não substituí-la. A existência de corpos humanos, relacionamentos carnavais, relações sexuais entre corpos sempre existirá enquanto houver existência dos seres humanos. O que não se pode negar é que nessa mesma vida, cria-se o ciberespaço onde se dá início a cibervida dos seres humanos, com suas linguagens, suas identidades, seus símbolos, sua fé e toda a sua estrutura existencial, a cibercultura. O que nos cabe fazer, segundo Lévy (2000), é aprender a viver nesse mundo e não negá-lo. Eis o ciberespaço, casa da cibercultura, que por sua vez é a casa da cibervida, onde se vive e crê.

5. APELO Á TEOLOGIA

Desde a introdução: quebrando preconceitos, percebe-se o cuidado e a dificuldade da implantação e aceitação do ciberespaço. É o impacto do novo, a não aceitação do desconhecido, é a insegurança da complexidade, com isso, a introdução: quebrando preconceitos, com o seu método, questiona como o processo de manifestações teológicas e os discursos de fé se correlacionam.

É aceitável, na cibercultura, um fundamentalismo onde somente uma teologia seja a verdadeira? Onde somente um só Deus salva? Onde as instituições se tornam deuses?

No segundo tópico da pesquisa, o ciberespaço: por uma nova antropologia, apresenta um espaço virtual antropológico, é a nova antropologia e sendo um espaço antropológico nos questiona sobre novas presenças, isto é, novos lugares e espaços, ou seja: não seriam possíveis manifestações espirituais no ciberespaço? Traduzindo em linguagem popular, pode-se perguntar: seria possível confessar pela Internet? Assistir casamentos pela rede? Ministar sacramentos e várias funções nesse novo espaço antropológico?

No tópico, Espaço do saber: rumo à cibercultura, apresenta as implicações do ciberespaço em nossa cultura, é o virtual no atual, questionamos então: como seria a cultura teológica no ciberespaço? Quem validará essa resposta? É possível missa virtual ou algo parecido? Comungar por um simples clique em um ícone na tela?

No tópico, Identidade: por uma semiótica do ciberespaço, compreendemos que há novas significações, uma nova forma de dar identidade e significados, isto é: não pode está surgindo uma nova significação de símbolos e objetos sagrados? Acender vela virtual para um santo ou criar um novo signo para o pão e vinho consagrados?

O último tópico, Cibervida: concluindo num novo plano de realidade, revela que estamos em um novo plano, o ciberespaço, a cibervida, e isso é questionador. Se estamos no ciberespaço construindo uma cibervida, aí também não está a presença de Deus? Deus se manifestando no ciberespaço? Será uma nova semiótica de Deus? Novas significações de sagrado? Ou será Deus mais uma realidade virtual?

Enfim, é evidente o novo fenômeno no que nos encontramos, é um novo lugar de humanos e de deuses, de anjos e demônios, do sagrado e profano, a realidade real, virtual, atual, e presente, e para os que acreditam eis a realidade atual da história da salvação. Ou da perdição?

REFERÊNCIAS

AUTHIER, M., LÉVY, P. *As árvores de conhecimentos*. Tradução de Mônica M. Seincmam. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COSTA, Rogério da. *Limiares do contemporâneo*. Entrevistas: Jacques Derrida; Toni Negri; Pierre Lévy; Francisco Varela. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2ª ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999 B.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Desenvolvimento humano e unidade das ciências*. São Paulo: Rede cultura de televisão (Coleção: Universo do conhecimento – Planeta Terra: um olhar transdisciplinar). Data: 19 de setembro de 2005. Em DVD 2006.

_____. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Roda viva: o Brasil passa por aqui*. São Paulo: Rede cultura de televisão, 2001. Em DVD 2001.

PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (Org). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PESSIS-PASTEERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UESP, 1993.

SANTOS, Gildásio Mendes. *A realidade do virtual*. Campo Grande: UCDB, 2001.

ZWARG, Cláudia Durand. O virtual e o humano no pensamento de Pierre Lévy. 090 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Coordenação de Pós-Graduação em Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/164_ago03/html/falamestre, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 14:45 h.

<http://www.comsociedade.hpg.ig.com.br/pierrelevy/mutacao.html>, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 14:55 h.

http://www.lainsignia.org/2002/noviembre/cyt_008.htm, acessado em: 24 de outubro de 2006 às 21:12 h.

<http://www.novae.inf.br/exclusivas/pierrelevy.htm>, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 15:08h.

http://www.saplei.eesc.usp.br/sap5865/leitura_semanal/PIERRE%20LEVY_tecnologia.htm, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 15:59 h.

<http://www.urisan.tche.br/~dfrancis/levy.htm>, acessado em: 21 de outubro de 2006 às 09:37 h.

Notas

* Mestrando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pós-graduado em Educação Sexual, UNISAL, e licenciado em Filosofia, UCDB-MS. Artigo apresentado no VI Congresso de Teologia de São Paulo em 21 set. 2009. E-mail: ideylson@gmail.com

¹ Revolução antropológica porque o movimento do ciberespaço já é novo espaço antropológico de encontro de vida e cultura do ser humano. Cf. Lévy, 1999, p. 125.

² Ciberespaço é o espaço gerado pela Internet, lá é onde se armazenam dados, constrói textos dados, interliga e reconstrói. É o espaço de interligação entre pessoas, de todos para com todos e de todos para com cada um, considerando a individualidade pessoal e assim, construindo uma rede de intersubjetividade. É nesse espaço que Pierre Lévy desenvolve seus projetos, suas pesquisas. Cf. Lévy, 1999. Para conhecer melhor sobre o surgimento do termo ciberespaço, e alguns teóricos como, por exemplo, o escritor de iniciação científica William Gibson. Cf. SANTOS, 2001.

³ Utopia, no pensamento de Lévy, é apresentada em seu significado etimológico, isto é u-topia, que quer dizer não-lugar, sem lugar. Cf. LÉVY, 1999, p. 120.

⁴ Pierre Lévy apresenta sua concepção de virtual, fundamentada na etimologia latina medieval que traz *virtualis*, que por sua vez deriva de *virtus*, que quer dizer força, potência. Isso é o virtual para Lévy. O virtual tende a atualizar o ato, ou seja, o que já é, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal do mesmo. Com isso, Lévy fundamenta filosoficamente que virtual não é, como trata grande parte dos estudiosos, a oposição do real, mas sim a oposição do atual. Agora, o virtual não é estático, mas o virtual é chamado complexo problemático. Cf. LÉVY, 1996, pp. 15-16.

⁵ Cibercultura especifica aqui como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Cf. LÉVY, 2000, p. 17.

⁶ A palavra cosmopolita vem do grego *cosmo - polités*, que significa: cidadão do mundo (do cosmo). Foi cunhada pelos filósofos cínicos e retomada pelos estoicos. Longe de considerar apenas os fatos de pertencer à comunidade política ateniense ou romana, o sábio estoico se sabia e se desejava cidadão de uma cidade da dimensão do universo, não excluindo nada nem ninguém, nem o escravo, nem o bárbaro, nem o astro, nem a flor. E no pensamento de Pierre Lévy, preconiza-se o conceito de um retorno à grande tradição antiga do cosmopolitismo não somente por razões de simples humanidade, mas também em vista de uma plena integração das dimensões técnicas e ecológicas na reflexão e ação política. Cf. LÉVY, 1998, p. 11.

⁷ Disponível em www.laisignia.org/2002/noviembre/cyt_008.htm, acessado em 24 de outubro de 2006 às 21h12min.